Proposta nº 83 dez/março "Os desafios da Educação" RJ, FASE,
1999

O afeto entra mais uma vez na escola ... desta vez por outras portas

Regina Leite Garcia¹

Se recuperarmos a história da educação constataremos que houve sempre um desajeito para lidar com o **afeto**. Ora ele aparecia como a questão fundamental, sem o que não haveria aprendizagem, ora ele se tornava o bandido da história do fracasso escolar, explicação para a incapacidade da escola cumprir o que dela era esperado, pois que ao invés de socializar conhecimentos a escola estaria se limitando aos aspectos piegas das relações. Tanto um grupo quanto o outro absolutizava o que é **um** dos aspectos do que se sabe da **complexidade** de nossa espécie – os homens e mulheres de todos os tempos, independente da classe social, da idade, da raça, da etnia, da religião, da escolha sexual ou da opção política, ao fazerem opções, entre outros componentes, e, sabendo ou não sabendo, são movidos também por aspectos afetivos.

O que se sabe mesmo é que o amor e o ódio, para só falar dos sentimentos mais extremados, já provocaram guerras, revoluções, perseguições, mas também inspiraram poesia, literatura, música, arte, todas as artes, e também a filosofia e a ciência ... logo, parece que o afeto não pode ficar de fora quando se pretende melhor compreender quem somos, como aprendemos e como nos relacionamos neste nosso mundo, que parece ser mais de uns do que de outros ... o que leva alguns a lutar para manter esta injustiça e outros a lutar para mudar o mundo. Dito assim, pode parecer que tudo ficaria reduzido a **afeto**. Por favor, **N Ã O**. Não se trata de mais uma investida psicologizante. Trata-se apenas de considerar que quando alguém ensina e alguém aprende, **também** está presente, ainda que escondida, esta coisinha complicada e mal explicada, que entra sem pedir licença, e que às vezes ajuda e outras vezes atrapalha.

Não me atarei a fazer a revisão desta história complicada que mais parece uma batalha epistemológica(mais uma vez o **afeto** se metendo na história) sobre o lugar do **afeto** na pedagogia. Se benefícios trouxe esta querela, talvez tenha sido o de afiar as garras teóricas dos contendores, embora da contenda, o que chega à escola, sirva mais para confundir do que para ajudar a professora. É comum, nos encontros para “capacitação de professores”, dependendo de quem tem hegemonia na organização do evento, ao final, se ouvir de professoras já acostumadas às tentativas de impor “mudanças pedagógicas” ou “modismos acadêmicos” como a solução de todos os problemas da escola:

Agora a moda é o construtivismo. Queria ver essa gente na minha turma de quarenta marginais deixando eles construir sei lá o que. No final do ano vem a prova e todos se ferram porque ficaram brincando de construir, e do programa não sabem nada.

Ou então

Epa, agora não é mais o construtivismo, porque ele psicologiza a pedagogia e despolitiza a discussão. Às vezes eu me sinto iôô nas mãos dessa gente que vem da

¹ Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense

academia. Um diz uma coisa e o outro vem para desmentir o que o anterior disse. Ainda bem que eu fecho a porta da minha sala e faço o que sempre fiz e que dá certo.

Enquanto fora da escola os intelectuais da academia discutem se **afeto** deve ou não deve ser preocupação de quem pensa e faz educação, e o fazem com paixão (mas como é intrometido o afeto!), na escola o **afeto** sempre esteve presente, algumas vezes contribuindo para que as crianças aprendam, outras vezes criando barreiras à sua aprendizagem.

Não pretendo entrar nesta briga, seja pelo viés da psicologia, seja pelo viés da sociologia, os dois opositores cujas posições já são bem conhecidas de todos que acompanham a discussão.

O que me interessa discutir neste texto é o que vem sendo produzido por alguns biólogos, como Humberto Maturana, Lynn Margulis e Dorian Sagan, etólogos como Boris Cyrulnik, críticos pós-coloniais, como Homi Bhabha e Gloria Anzaldúa, físicos como David Peat, que tem trabalhado com John Briggs, doutor em Estética e Psicologia, ou de artistas que teorizam sobre o processo de criação como Fayga Ostrower, ou mesmo de teólogos como Leonardo Boff, de economistas como Marcos Arruda, ou, Paulo Freire, este sim, educador por profissão, embora todos e todas que citei, se não são educadores de profissão, o são, no que entendo como o sentido mais profundo de ser educador eu educadora. Esta lista poderia se ampliar e muito. Mas, se o fizesse, o espaço de que disponho neste texto não daria conta da lista que, não só seria grande, como se ampliaria a cada dia. Hélas! Parece que vez por outra a Ciência e a Filosofia percebem o que Shakespeare sempre soube - que parece haver muito mais entre o Sol e a Terra do que conhece a nossa vã filosofia.

Por onde começar, com tantos nomes importantes a me pedir a palavra, eis o meu dilema.

Talvez seja interessante começar pelos que pesquisam a origem desta nossa história de *homo sapiens demens*, como denomina o Edgar Morin que, tendo sido esquecido por mim na lista inicial, protesta ... aliás com toda a razão. Abramos alas para um de nossos heróis. Morin defende que além de sermos a espécie *sapiens* somos a espécie *demens*, o que não agrada a quem nos acredita apenas *sapiens*.

Começo com Lynn Margulis e Dorian Sagan, microbiólogas americanas, que em suas pesquisas sobre a evolução, discordam da afirmação há muito no senso comum de que as espécies que sobreviveram foram as que foram capazes de, numa competição em que poucos se salvavam, terem sido as mais aptas. Para as cientistas, *a nova classe de célula* que apareceu há 2 200 000 anos e que se transformou na base das células de todos os vegetais e animais multicelulares que conhecemos hoje, não foi resultado de mutação genética mas de simbiose. Eu as cito, traduzindo:

A competição na qual o mais forte ganha, recebeu muito melhor aceitação do que a cooperação. No entanto, certos organismos superficialmente frágeis sobreviveram participando de entidades coletivas, enquanto os presumidamente fortes, por não terem aprendido a cooperação, foram jogados numa pilha de resíduos da extinção

evolutiva

E ainda são Margulis e Sagan que afirmam que a simbiose configura uma estrutura autopoiética que muda com o objetivo de se manter igual.

É de autopoiésis que também fala Humberto Maturana, biólogo chileno que chega a afirmar ser o amor o princípio da vida, não apenas a de nossa espécie, mas qualquer tipo de vida, desde as mais simples às mais complexas.

Como se pode constatar, tanto umas quanto outro afirmam o **afeto** na origem da evolução das espécies. Mas afirmam também que muito interessou aos que dominavam/dominam e exploravam/exploram, disseminar a crença de que os que sobrevivem são os mais fortes, mais competitivos, mais individualistas, valores tão presentes hoje no ideário neoliberal.

Vamos passar então, rapidamente, por Briggs e Peat que, num belíssimo e provocativo livro, nos falam de sensibilidade, de intuição, de afeto, para explicar a complexidade do universo e de nossa Gaia, a Terra em que vivemos, chegando a nossos companheiros, desde os micróbios e germens, até o Homem, que se acredita o fim da linha na hierarquia evolutiva, o que alguns cientistas põem em questão, nessa viagem pela vida coletiva em nosso planeta e no cosmos.

E eu os cito, sempre em minha própria tradução, apenas numa passagem que me parece significativa para a costura que tento fazer de autores aparentemente díspares:

Uma característica distintiva das pessoas criativas é sua extrema sensibilidade, a certos matizes do sentimento, a percepção e o pensamento. Um matiz é uma sutileza de significado, um complexo de sentimento ou uma delicadeza de percepção para a qual a mente não tem palavras nem categorias mentais.

Criação parece ser um aspecto decisivo no processo de construção/apropriação de conhecimentos que deve se dar numa sala de aula, posto que não acreditamos em simples assimilação. Mas ainda que se tratasse de simples assimilação, cada um de nós só assimila aquilo que para nós tem sentido. E o que tem sentido para nós que não nos afete afetivamente?

Chamo então um etólogo – Boris Cyrulnik – para nos ensinar de suas pesquisas. Etologia, segundo o Aurélio, seria o estudo dos hábitos dos animais e da sua acomodação às condições do ambiente. Assim começou Cyrulnik os seus estudos, até que fundou o grupo de Etologia Humana, nos recolocando em nosso lugar no mundo da natureza, sem pretender reduzir o homem à sua condição animal, nem tampouco desconsiderar que fomos capazes de criar cultura, embora traga exemplos fascinantes e embaraçosos, para quem se pretende o ápice da cadeia evolutiva, da capacidade de linguagem, de comunicação, de afeto entre os animais não humanos. No que nos interessa, neste momento, Cyrulnik defende a importância de uma figura de apego, em geral a mãe, cuja falta pode ser substituída, desde que a mãe substituta forneça o que ele denomina nutrimentos afetivos, indispensáveis a

qualquer desenvolvimento e aprendizagem. Sem afeto, os nutrimentos afetivos, no dizer de Cyrulnik, não haveria desenvolvimento e aprendizagem, ou mesmo, vida. E, os exemplos que nos traz de suas pesquisas são impressionantes e vão desde a violência, ao racismo, à delinquência, às agressões sexuais, e desde o nascimento à velhice.

O que a mim mais surpreendeu foi a afirmação de Homi Bhabha, um dos intelectuais mais importantes do que tem sido denominado crítica pós-colonial, (ou pós-colonialista, como querem alguns dos que o traduzem), em uma entrevista dada a Gary Olson e Lynn Worsham. E eu traduzo:

Eu penso que as estruturas de sentimento e as estruturas de afeto são radicalmente desvalorizadas na linguagem da efetividade política, identidade cultural etc. Eu terei de elaborar esta questão, mas também penso que a possibilidade do afeto ser tanto efetivo quanto incomensurável num sentido social e cultural precisa ser inteiramente considerada, e nós precisamos aprender a compreender e a trabalhar com isto. Minha resposta é que o discurso da ação política e da escolha política tem se concentrado demasiadamente em questões de interesse e muito pouco em questões de paixão política.

E Bhabha vai discorrendo sobre a forte carga afetiva que se encontra na política da diferença, na política da comunidade, na política de comunidades de interesse, o que demandaria que

Nós agora temos de começar a compreender o papel que as emoções, os afetos desempenham na construção da política da comunidade.

Ainda na resposta à pergunta sobre o papel do afeto na experiência da marginalidade social, Bhabha destaca a grande contribuição de Fanon em sua teoria da violência, quando enfatiza o momento psicoafetivo no momento mais amplo da autonomia política e quando traz para a discussão a questão do corpo, a questão das emoções, a questão do afeto, ao nível da identificação política.

E eu convido Glória Anzaldúa, também ligada à pós-colonialidade, que pretende uma retórica mestiça, uma escrita mestiça, sendo ela uma indígena mexicana, criada na fronteira do sul do Texas e que vive nos Estados Unidos, onde hoje é professora numa universidade, escritora e teórica da escrita. Sua impressionante entrevista no mesmo livro a que me referi acima é carregada da emoção de quem vem de uma história de silenciamento, mas que não aceita um destino antecipado, de quem a vida obrigou a comunicar seus sentimentos de dor e confusão e ela o fez usando a escrita, a pintura, a música, a coreografia, o filme, a dança, o vídeo, pois para ela, todas estas artes têm elementos em comum. Ao criar, valendo-se de diferentes linguagens, ela também vai criando suas identidades múltiplas.

*Eu terei a minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu terei minha língua de serpente – minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta.
Eu vencerei a tradição do silêncio*

Eu preciso começar com o sentimento, afirma Glória ao teorizar sobre a escrita, ao narrar a sua vida, ao propor formas alternativas de viver, de lutar e de escrever, ao se referir ao medo de ser diferente. E vai falando de unidade, de racionalidade, de organização, de coerência e pede espaço para a intuição, a emoção e o corpo na escrita e na construção de conhecimento. Eu uso "paralógica" me adiantando à enciclopédia, falando sobre espiritualidade e realidade. Paralógica, no dizer de Kenneth Burke, seria ir com o lógico. E para Glória seria uma de suas formas de luta contra a opressão e uma de suas armas para ajudar as pessoas a rescrever a cultura.

Bem, nesta defesa do afeto, eu não podia deixar de chamar o filósofo Leonardo Boff que pede *compaixão pela Terra e solidariedade e cuidado com os humanos*. E, aproximando-se do que nos dizem Cyrulnik e Maturana, aconselha com doçura:

Sem o cuidado, ele(o humano) deixa de ser humano. Se não receber cuidado, Desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde sentido e morre.

Depois de ouvir tão importantes depoimentos de cientistas e filósofos, vamos à escola, à sala de aula, ao cotidiano em que professores e professoras e alunas e alunos se encontram com um objetivo, nem sempre atingido, de que as novas gerações possam se apropriar dos conhecimentos construídos pelas gerações que as antecederam e serem potencializadas como sujeitos de conhecimentos, portanto capazes elas também, de produzir novos conhecimentos sobre o mundo e sobre si mesmas. Assim sempre foi, desde que existe escola. E desde que existe escola existe uma professora ou professor a quem é dada a responsabilidade social de fazer cumprir o que da escola é esperado. Este, pelo menos, é o discurso expresso.

Sabemos também que, apesar do discurso expresso, há dentro e fora da escola, forças que dificultam, senão impedem, que isto aconteça. Aos que detêm o poder ou seus prepostos, não interessa que o povo se eduque, pois um povo educado pode compreender o que antes já sentia na própria carne embora nem sempre compreendesse, confirmando Gramsci, e, compreendendo, possa se insurgir contra a exploração e a dominação e se organizar e lutar para mudar a sociedade que o oprime. Mas sabemos também, que na escola há movimentos de resistência, ligados a projetos sociais emancipatórios, que lutam para que os "deserdados da terra", como denunciava Fanon, tenham acesso a um vocabulário crítico que contribua para o fortalecimento de sua cultura e o seu próprio fortalecimento pessoal. Os que resistem ao projeto liberal conservador, sabem a importância para as classes populares de se realizar a promessa de socialização do saber historicamente acumulado, mas querem complexificar este conhecimento, problematizando-o e nele incluindo as lutas por sobrevivência que se dão no cotidiano das classes populares, as lutas dos afro-brasileiros e das afro-brasileiras marcadas pela escravidão, as lutas dos povos da floresta pelo reconhecimento de seus direitos, as lutas das mulheres numa sociedade marcadamente machista, as lutas daqueles e daquelas que clamam pelo direito de uso de seus corpos e de escolha sexual sem preconceitos, as lutas dos explorados seja em que local for, em que situação for, as lutas dos

ecologistas que defendem a Terra e todos os seus habitantes, portanto, que defendem o direito à vida no planeta.

Em nossa pesquisa temos acompanhado o trabalho de professores e professoras neste imenso Brasil. E podemos dizer que não são poucos aqueles e aquelas que tentam remar contra a maré e romper com o destino anunciado de fracasso das classes populares na escola ... e o fazem com paixão ... sem o que não há possibilidade de sucesso na escola. A sua paixão política se traduz em relações amorosas na sala de aula e em construção coletiva de alternativas pedagógicas que possam sintonizar com os desejos de aprender de seus alunos e alunas, que para isto procuram a escola.

Defendo que ver a escola apenas como espaço de poder, descarta qualquer possibilidade de ação emancipatória. Olhares mais atentos, que se abrem para a complexidade, começam a perceber formas de resistência, luz no tunel até então sem saída do olhar que só vê poder. Há um repertório de poder e resistência, dominação e dependência que vai construindo as subjetividades submissa ou rebeldes na escola e este é um espaço de luta.

Para aqueles e aquelas que desejarem conhecer melhor os autores e autoras dos/das quais me vali para defender a importância do afeto em tudo que fazemos, individual ou coletivamente, autores e autoras que andam na contramão do pensamento dominante, aqui estão as referências:

- BOFF, Leonardo. Saber cuidar. Petrópolis, Ed Vozes, 1999
BHABHA, Homi K. O local da Cultura. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998
BRIGGS & PEAT. Espejo y Reflejo: del caos al orden. España, Ed. Gedisa, 1990
CYRULNIK, B. Les Nourritures Affectives. Paris, Ed Odile Jacob, 1993.
FANON, F. Toward the African Revolution. USA, Monthly Review Press, 1967.
MARGULIS & SAGAN. Microcosmos – four billion years of microbial evolution. London, University of California Press, 1997.
MATURANA & VARELA. A árvore do conhecimento. Campinas, Ed Psy, 1995.
MATURANA, H. A ontologia da realidade. Belo Horizonte, Ed UFMG, 1997.
OLSON & WORSHAM. Race, Rhetoric and the Postcolonial. USA, State of New York Press, 1999